

Autopercepção vocal, cuidados e perspectivas de uso na docência por graduandos de Pedagogia

Emilse Aparecida Merlin Servilha*
Graciele Batista Mendes**

Resumo

Pesquisas com futuros profissionais para evidenciar como eles percebem e cuidam da voz geram informações importantes para o fonoaudiólogo prever riscos e propor ações fonoaudiológicas que promovam saúde. Nessa perspectiva, este estudo investigou a autopercepção vocal, os cuidados e as perspectivas de uso profissional por discentes do ensino superior. Participaram 68 quartanistas de Pedagogia de uma universidade do interior do estado de São Paulo, que preencheram um questionário com dados pessoais e de trabalho, conhecimento sobre a voz e perspectivas de seu uso profissional. Os resultados mostraram predomínio do sexo feminino, idade média de 25,3 anos e que os estudantes já trabalhavam, principalmente na Educação. A classificação positiva da própria voz foi manifestada por 70,1% dos graduandos e 76,4% deles a reconheceram como um importante instrumento de trabalho. Como características vocais necessárias para um professor, os sujeitos mencionaram normalidade e clareza, flexibilidade, afetividade e autoridade. 67,6% dos graduandos perceberam mudanças vocais ao iniciarem a docência. Conclui-se que os discentes mostraram conhecimento sobre suas vozes, assim como de fatores que podem agredi-las ou beneficiá-las, porém de forma ainda insuficiente para enfrentar as adversidades do trabalho e a ocorrência de distúrbios vocais, requerendo assessoria fonoaudiológica.

Palavras-chave: distúrbios da voz; docentes; promoção de saúde.

Abstract

Researches with future professionals to evidence how they perceive and take care of the voice generate important information for the professional of Speech, Language and Hearing Sciences to predict risks and to propose phonoaudiological actions that promote health. Sixty eight fourth-year graduate students of Pedagogy from a countryside university in the state of São Paulo who participated on the research filled in a questionnaire with personal and work data, as well as the self-perception, care and the perspectives of professional use of the voice by the academicians in Pedagogy. The results showed predominance of the female sex, mean age of 25.3 and that the students already worked, especially with Education. The positive classification of the own voice was demonstrated by 70.1% of the graduate students and 76.4% of them recognized it as an important instrument of work. As vocal characteristics necessary for a teacher, the individuals mentioned normality and clarity, flexibility, affectionateness and authority. 67.6% of the graduate students noticed vocal changes as they started teaching. It is concluded that the

* Fonoaudióloga, doutora em Psicologia e docente da Faculdade de Fonoaudiologia da PUC-Campinas. Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas. ** Fonoaudióloga pela PUC-Campinas. Bolsista de Iniciação Científica – Fapesp.

students showed knowledge about their own voices, as well as the factors that may harm or benefit them, but this is not sufficient to face the adversities of the work and the occurrence of vocal disturbances, requiring phonoaudiological assistance.

Keywords: *voice disorder; faculty; health promotion.*

Resumen

Investigaciones con futuros profesionales para evidenciar como perciben y cuidan la voz, generan informaciones importantes para que el fonoaudiólogo pueda prever riesgos y proponer acciones fonoaudiológicas que promuevan la salud. En esa perspectiva este estudio investigó la auto percepción vocal, los cuidados y perspectivas del uso profesional de la voz por estudiantes universitarios. Participaron 68 alumnos de cuarto año de Pedagogía de una universidad del interior del Estado de São Paulo, que completaron un cuestionario con datos personales y de trabajo, conocimiento sobre la voz y perspectivas de su uso profesional. Los resultados mostraron el predominio del sexo femenino, edad promedio de 25,3 años y que los estudiantes ya trabajaban, principalmente en Educación. La clasificación positiva de la propia voz fue manifestada por 70,1% de los estudiantes y 76,4% de ellos la reconocieron como un importante instrumento de trabajo. Como características vocales necesarias para un profesor, los sujetos mencionaron normalidad y claridad, flexibilidad, afectividad y autoridad. 67,6% de los estudiantes percibieron cambios vocales al iniciar la docencia. Se concluye que los estudiantes mostraron conocimiento sobre sus voces, bien como factores que pueden agredirlas o beneficiarlas. Sin embargo, estos son insuficientes para enfrentar las adversidades del trabajo y el surgimiento de trastornos vocales, requiriendo asesoría fonoaudiológica.

Palabras claves: *voz; docentes; promoción de la salud.*

Introdução

Dentre os usuários profissionais da voz, o professor se destaca em relação à incidência de distúrbios vocais decorrentes do uso intenso e prolongado da voz, além da falta de coordenação entre fonação e respiração, o que culmina com a fadiga muscular (Brasolotto; Fabiano, 2000).

A disfonia em professores acarreta problemas de diversas ordens e para todos os segmentos da instituição escolar: para o profissional, há limites para seu desempenho profissional, já que a voz não dá conta de exprimir diferentes emoções, desejos e intenções; além disso, a presença usual de sintomas vocais negativos como rouquidão, dor, ardor e cansaço ao falar, conferem uma situação de agravo à saúde. Em consequência, os discentes deixam de ter condições favoráveis de aprendizagem, já que têm, no professor, o principal mediador para a aquisição de conhecimentos. Ainda merece destaque que o próprio Estado é onerado, tendo que arcar com os custos do professor afastado por doença e de outro em sala de aula.

Na relação educador-educando, a voz do professor é de grande importância para o fazer pedagógico, pois as modulações convidam, negam, explicam, afirmam, questionam os discentes, tornando-se o fio condutor nas interações que ocorrem em sala de aula. Nesse contexto, as concepções de professor e aluno que permeiam as relações na escola forjam as formas de interação e precisam ser explicitadas (Servilha, 2000).

Dreossi; Momensohn-Santos (2005) ressaltam que nesse processo de trabalho, o professor precisa possuir voz clara, harmoniosa e inteligível, com capacidade de superar o ruído ambiental, para poder ser ouvida e compreendida pelos discentes. Explicam que o ruído interfere na qualidade da aula, pois requer aumento do volume de voz pelo professor, podendo gerar distúrbios vocais, além de provocar dispersão no alunado pelo esforço dos mesmos em tentar ouvir aquilo que está sendo explicado em aula. Essas questões já haviam sido evidenciadas por Pereira, Santos e Viola (2000) ao analisarem o ruído presente na instituição escolar e o impacto do ruído na voz do professor.

Outra questão importante é a presença de poeira e fumaça que irritam o aparelho respiratório do professor e pode favorecer a ocorrência de disфония (Ferreira et al., 2003). As autoras destacam, ainda, que aspectos relativos à organização do trabalho, entre eles o excesso de atividades, aliado ao fato de nem sempre o professor ter recebido orientações quanto ao uso apropriado da voz na docência, podem gerar disфония e prejuízo à saúde.

Se o professor tem sido privilegiado nas pesquisas fonoaudiológicas, no entanto, o mesmo não vem ocorrendo em relação àquele que ainda está em processo de formação. Entre os poucos trabalhos nessa direção, encontramos aquele realizado por Boccato et al. (2002), que teve por objetivo verificar o índice de acertos sobre conhecimentos básicos de higiene vocal em 126 universitários das áreas de Direito, Pedagogia, Jornalismo e Educação Física, utilizando um questionário com 10 perguntas de múltipla escolha versando sobre itens que eram benéficos, nocivos ou neutros para a voz. Os autores identificaram que os discentes de Pedagogia ocuparam o segundo lugar em piores índices de acertos, revelando o quanto esses futuros profissionais do ensino pouco conhecem sobre os cuidados com a voz.

Ainda no que respeita o discentes de Pedagogia, menção deve ser feita a Carelli e Nakao (2002), os quais realizaram um estudo para verificar o tipo de conhecimento de voz e as estratégias de preservação da mesma nas práticas pedagógicas em 61 estudantes quartanistas do referido curso. Para tanto, aplicaram um questionário com itens como avaliação vocal, histórico de saúde, conhecimento de fatores que beneficiam/prejudicam a voz, interesse e grau de preocupação do aluno com o uso de sua voz de forma profissional, etc. Os resultados mostraram que o conhecimento vocal dos sujeitos era insuficiente para o exercício da profissão e que quase metade deles não se preocupava com essa questão. Dessa forma, os autores indicam que o formando em Pedagogia não se vê como um futuro profissional da voz, sendo necessária a atuação de profissionais da saúde, em especial fonoaudiólogos e otorrinolaringologistas, para complementar a formação desses sujeitos no que respeita à saúde da voz, de modo a evitar prejuízos ao futuro desempenho e a promoção de qualidade de vida.

Em uma outra perspectiva, Chieppe (2004) buscou conhecer e analisar os conteúdos e conceitos relativos à expressividade direcionados à prática

docente presentes nos discursos de sete discentes quartanistas de Pedagogia de uma universidade pública do interior do estado de São Paulo, utilizando, como estratégia metodológica, o grupo focal e concluiu que o conceito de expressividade esteve presente nos discursos dos sujeitos, porém sua percepção – como um recurso positivo para a prática docente – mostrou-se restrita. Além disso, características negativas da expressividade docente foram mais valorizadas que as positivas.

Como se observa, cada pesquisador, empregando procedimentos metodológicos diversos, tem mostrado a importância de pesquisas fonoaudiológicas que visem desvelar qual o conhecimento, as expectativas e até as crenças de como a voz será utilizada na docência por futuros professores, pois é a partir desses dados que, efetivamente, será viável planejar e viabilizar ações de saúde, especialmente as coletivas, para capacitar esses discentes a ingressarem na carreira profissional cientes de que a voz representa tanto um importante instrumento de trabalho pedagógico quanto de saúde.

Atuar junto a discentes de graduação em Pedagogia fomenta, pois, a reflexão sobre o exercício profissional pela perspectiva da voz, aspecto quase sempre negligenciado. Assim, a preocupação com aspectos inerentes ao campo da Educação, nem sempre prepara o futuro professor para enfrentar uma situação profissional na qual a voz será elemento crucial para o desempenho de trabalho.

Diante desse quadro, muitas ações fonoaudiológicas têm sido desencadeadas para propiciar mudanças, favorecer melhores condições de desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem na instituição escolar e buscar a saúde da voz do professor. Exemplos disso são campanhas, oficinas, *workshops* dirigidos ao professorado. Não há como desconsiderar que pesquisas são necessárias para se saber o grau de conhecimento sobre essa problemática por parte dos sujeitos, de modo a não incorrer em atitudes descontextualizadas e prescritivas por parte do fonoaudiólogo. Ao abrir a escuta para os sujeitos da voz, o pesquisador terá mais subsídios para compreender sua realidade e tentar provocar mudanças.

Nesse contexto é que emerge o objetivo deste estudo, o qual buscou investigar a autopercepção, os cuidados e o uso profissional da voz por discentes de Pedagogia.

Material e método

Participaram desta pesquisa 68 discentes quartanistas de Pedagogia, do período noturno, de uma instituição do interior do estado de São Paulo, sendo 98,5% do sexo feminino e 1,5% do masculino, com idades entre 20 e 47 anos e média de 25,3 anos. Do total de discentes, 92,6% trabalhavam, confirmando-se a hipótese de que se tratava de discentes trabalhadores, sendo 74,6% na área educacional e os outros 25,4% em outras atividades como recursos humanos, comércio, produção de celulares, recepção, agente de aeroporto, auxiliar de serviços gerais, auxiliar de laboratório, atendente de tele-serviço e auxiliar administrativo.

Os sujeitos foram contatados pelas pesquisadoras em seu local de estudo, ocasião em que foram fornecidas explicações sobre a pesquisa e seus objetivos, sendo os mesmos convidados a dela participar.

Os graduandos mantiveram-se em sala de aula e responderam de forma individual, porém todos, ao mesmo tempo, a um questionário que mesclou perguntas fechadas e abertas, envolvendo dados de identificação, como idade, sexo e atividades de trabalho; conhecimento vocal – voltado à identificação da autopercepção vocal, preocupação com a voz, cuidados adotados para ter uma voz saudável e o que altera ou prejudica a voz –, assim como a relação profissão e voz, a qual questionou as características vocais necessárias para que o professor desempenhe seu trabalho de forma efetiva, além de mudanças observadas na própria voz após estagiar ou trabalhar como professor.

As pesquisadoras permaneceram no local durante o tempo necessário para o preenchimento do instrumento pelos participantes, esclareceram as dúvidas e receberam todos os materiais para análise.

O projeto foi aprovado pelo CEP com nº 058/05, segundo os termos da Resolução 196/96 do CONEP.

Na análise dos dados, as questões fechadas foram submetidas à análise estatística descritiva; quanto às abertas, inicialmente foram procedidas várias leituras do depoimento de cada graduando e, em seguida, os mesmos foram agrupados por seus temas convergentes, formando núcleos temáticos. A análise qualitativa permitiu trabalhar com os conhecimentos, significados, crenças e valores dos sujeitos, no intuito de destacar os processos e relações a eles subjacentes, conforme assinala Minayo (2002).

No item conhecimento vocal, os sujeitos auto-avaliaram suas vozes a partir de uma série de adjetivos, para que escolhessem, entre os ofertados, aqueles que mais se relacionavam à sua voz; as qualificações foram organizadas em positivas e negativas, tendo em conta a exigência do uso profissional da voz. O mesmo foi realizado em relação à preocupação com a voz, separando-se aqueles conteúdos que mencionavam interesse na saúde vocal e verificando se os argumentos em favor da voz tinham relação com seu futuro uso na docência. Ainda foram analisados aqueles que mostravam despreocupação com a voz e os motivos dessa atitude.

Na abordagem sobre a relação voz e trabalho, os graduandos foram solicitados a mencionar quais seriam, em sua opinião, as características vocais necessárias para o professor desempenhar sua função de forma efetiva, sendo suas respostas organizadas em diferentes categorias referentes às diferentes funções e propriedades da voz.

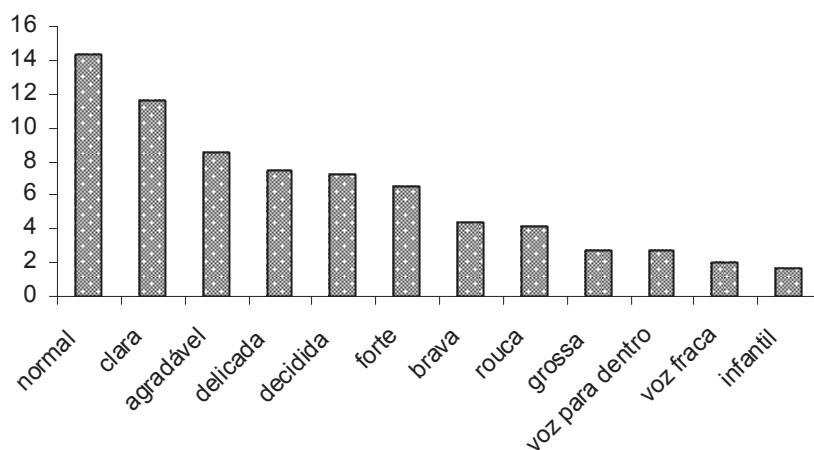
Em alguns momentos, na análise das questões abertas, optou-se por trazer recortes dos discursos dos sujeitos de modo a ilustrar e enriquecer a apresentação e análise dos dados; nessas ocasiões, a letra **G** foi utilizada para designar graduando, seguida de um número que o identifica entre os sujeitos pesquisados.

Resultados

Auto-avaliação vocal

Neste item houve avaliação positiva da própria voz manifestada por 70,1% dos graduandos. Os resultados foram, em seqüência decrescente, voz normal, com 14,4%; clara, com 11,6%; agradável, com 8,5%; delicada, com 7,5%; decidida, com 7,2%; forte, com 6,5%; flexível e suave – ambas com 5,4% – e energética, com 3,0%. Por outro lado, características consideradas negativas foram assinaladas por 29,8% dos graduandos, tais como brava, com 4,4%; rouca, com 4,1%; grossa e voz para dentro, cada uma com 2,7%; voz fraca, com 2,0%; infantil e desafinada, ambos com 1,7%; voz sexy, frágil e sopro, todos com 1,3%; irônica e forçada, ambas com 1,0%; voz muito fina, muito grossa, esganiçada, presa na garganta e agressiva – todas com 0,6% – e voz gutural e monótona, ambas com 0,3%. No gráfico I podem-se observar as avaliações mais frequentes mencionadas pelos discentes.

Gráfico 1 – Autopercepção vocal



No que respeita à preocupação com a voz, organizou-se um primeiro eixo denominado **Despreocupação com a Voz**, composto por 23,5%

dos sujeitos pesquisados, cujas justificativas para tal decisão foram aglutinadas por similitude de conteúdo, conforme pode ser visto no quadro 1.

Quadro 1 – Despreocupação com a voz e discursos representativos

Eixo Temático dos sujeitos que responderam "não"/Descrição	Discurso
1 - Negligência (Menção de descuido ou falta de atenção para com a voz)	G.59 "Não. Até agora nunca tive problemas. Também não me sobra tempo para pensar no assunto."
2 - Hábitos e Abusos Vocais (Menção de abusos vocais sem que a voz se altere)	G. 31 "Não. Porque tomo muita água gelada, como chocolates etc. Fico com ventiladores ligados e freqüento lugares que têm ar condicionado. Canto de uma maneira incorreta."
3 - Problema Laríngeo (Alusão à presença de alterações estruturais da laringe)	G. 2 "Não. Já fui preocupada porque eu achava que tinha um "calo" na voz, por ficar rouca facilmente e além de ter a característica da voz rouca, mas fiz exames não deu nada então ultimamente não me preocupo."
4 - Instrumento de Trabalho (Consideração da voz como um instrumento fundamental para o trabalho docente)	G. 19 "Não. São tantas coisas para se preocupar, nunca me preocupei com minha voz, mas sei que ela é fundamental, afinal é nosso instrumento de trabalho."

Aqueles que responderam preocupar-se com a voz representam 76,4% (58) dos participantes do estudo e suas respostas estão representadas no Quadro 2.

Na questão sobre o conhecimento dos sujeitos sobre os cuidados necessários para se ter uma voz

saudável, houve uma grande diversidade de respostas, as quais estão expostas na Tabela 1.

Por outro lado, em relação aos fatores que alteram ou prejudicam a voz, as respostas dos sujeitos podem ser conferidas na Tabela 2.

Quadro 2 – Eixos temáticos relativos à preocupação com a voz e discursos representativos

Eixo temático dos sujeitos que responderam "sim"/Descrição	Discurso
1 – Instrumento de Trabalho (Menção à voz como um instrumento fundamental do professor)	G. 5 "Sim. Ela é meu instrumento de trabalho e eu utilizo constantemente em todos os momentos dos dias."
2 - Presença de Sintoma Vocais/Disfonia (Menção a presença de sintomas vocais/presença de doença física)	G. 20 "Sim porque já fui afastada do trabalho por apresentar um "calo" na garganta, não conseguia falar por ficar rouca, totalmente sem voz."
3 - Promoção da Saúde (Valoriza as potencialidades da voz)	G. 49 "Sim. Pelo fato de ter consciência de que tem dia que eu uso de maneira errada ou não tenho técnica para poder ajudá-la; melhorá-la."

Tabela 1 – Conhecimentos sobre os cuidados com a voz

Conhecimentos vocais	Nº de respostas mencionadas
Não falar alto/ Não gritar/ Não forçar a voz/ Não alterar a voz/ Não forçar as pregas vocais/ Falar o necessário/ Falar normalmente / Falar com tonalidade agradável	36,99%
Ingerir bastante líquido	15,03%
Não ingerir líquidos gelados	12,14%
Comer maçã/ Ingerir alimentos saudáveis	6,94%
Realizar exercícios antes de utilizar a voz (aquecimento vocal) / Fazer acompanhamento ou exercícios com fonoaudiólogo	5,78%
Evitar mudanças de temperatura	3,47%
Não conhecem ou Não responderam	2,89%
Fazer gargarejos	2,31%
Não fumar	2,31%
Evitar chocolates	1,73%
Não ingerir bebidas alcoólicas	1,73%
Ter boa respiração / Realizar exercícios respiratórios	1,73%
Dormir bem/ Descansar	1,73%
Não ingerir bebidas quentes	1,16%
Comer pastilhas	0,58%
Falar claramente	0,58%
Cantar sempre	0,58%
Evitar ingerir café	0,58%
Não utilizar giz	0,58%
Evitar lugares barulhentos	0,58%
Não ficar nervosa	0,58%

Relação profissão e voz

No que concerne às características vocais necessárias para que o professor possa atuar plenamente na docência, as respostas dos graduandos foram agrupadas em: normalidade/ clareza (38%), com menção de voz clara, normal, bom som, limpa e voz compreensível aos discentes; flexibilidade

vocal (15,1%), que soma voz agradável, com diferentes entonações, flexibilidade, carinhosa, afetiva, motivadora, prazerosa e energética; autoridade (14,7%), que abriga voz decidida, firme e determinada; tranquilidade (14,6%), a qual inclui voz calma, suave, tranqüila, boa dicção e delicada; e volume da voz (13,3%), incluindo voz forte, voz baixa, tom alto e vagarosa.

Tabela 2 – Fatores que prejudicam ou alteram a voz

O que prejudica ou altera a voz	Nº de respostas mencionadas
Falar muito alto	28,07%
Gritar	12,28%
Falar muito	11,40%
Estresse	6,14%
Ambiente ruidoso	5,26%
Ambiente empoeirado	5,26%
Ingerir líquidos gelados	4,39%
Mudar a tonalidade da voz	3,51%
Não ingerir água	3,51%
Nervosismo	2,63%
Infecções de vias aéreas superiores	2,63%
Mudanças climáticas	2,63%
Sono	2,63%
Fumar	2,63%
Poluição	1,75%
Cansaço	1,75%
Má alimentação	1,75%
Alterar a voz	1,75%

Tabela 3 – Mudanças na voz após estagiar ou trabalhar como professor

Mudanças na voz	Número de respostas mencionadas
Desconforto na garganta	18,52%
Rouquidão	17,28%
Alteração na voz	6,17%
Dores de garganta	6,17%
Afonia	6,17%
Falhas na voz	4,94%
Mudanças de tonalidade	4,94%
Garganta seca	3,70%
Forçam a voz	3,70%
Estresse	2,47%
Voz grossa	2,47%
Cansaço físico	2,47%
Faz acompanhamento fonoaudiológico	2,47%
Cansaço nas pregas vocais	2,47%
Faz uso de pastilhas	1,23%
Sentiu crepitação no ouvido	1,23%
Desânimo	1,23%
Voz brava	1,23%
Dores de cabeça	1,23%
Apresenta pouco fôlego	1,23%
Voz fina	1,23%
Voz desafinada	1,23%
Aumento das faringites	1,23%
Voz fraca	1,23%
Alteração no aspecto emocional	1,23%
Alteração quando fala alto	1,23%
Alteração quando fala muito	1,23%

Do total de sujeitos, 67,6% já sentiram mudanças na voz após estagiar ou trabalhar como professor. As alterações mais citadas estão expostas na Tabela 3.

Discussão

Na caracterização dos sujeitos desta pesquisa, fica evidente o predomínio de mulheres realizando o curso superior com vistas a ingressarem na carreira docente. A acentuada inserção das mulheres na docência é dado recorrente em outras pesquisas, sendo esse número mais evidente na educação infantil e fundamental, cuja gênese nos remete à expansão do setor educacional brasileiro, a partir da metade do século XX, sendo as mulheres convocadas a assumirem o papel de educadoras pela vinculação, àquela época estabelecida, entre a docência e o cuidado com as crianças, extensão das atividades na esfera doméstica (Delcor et al., 2004).

A análise por faixa etária revela que 70,5% dos discentes – sua grande maioria –, encontra-se entre 20 e 25 anos; já 10,2% dos participantes pertencem à faixa de 26 a 30 anos e outros 20,5% possuem entre 31 e 47 anos, todos cursando seu último ano de formação. Em relação àqueles mais jovens, calcula-se que seu ingresso na universidade se deu com cerca de 17 a 20 anos, época própria para este tipo de estudo ou evento, presente na agenda cultural da grande maioria dos jovens. Em relação aos que ingressaram mais tarde, possivelmente só agora tiveram acesso à universidade, com o intuito de se capacitarem e se manterem em seu trabalho na Educação, tendo em conta as novas exigências da mais recente Lei de Diretrizes e Bases Brasileira (LDB), como será mostrado no decorrer deste estudo. Cabe ressaltar que o fato de estudarem no período noturno pode ser indicativo de sua inserção precoce no mercado de trabalho, postergando o ingresso na universidade para um período mais tardio.

No item conhecimento vocal, houve avaliação positiva de 70,1% dos graduandos, mencionando em ordem decrescente: voz normal, clara, agradável, delicada, decidida, forte, flexível, suave e energética. Estas qualificações mostram-se de interesse do futuro professor pois, além de colocarem sua voz dentro do que são considerados os parâmetros de normalidade, ainda revelam decisão, volume forte e flexibilidade, qualidades bastante relevantes

para dar conta dos desafios da sala de aula. Pelas respostas dos discentes, parecem acreditar que suas vozes apresentam condições vocais que os tornam aptos a enfrentar a carreira docente.

Por outro lado, as características negativas como brava, rouca, grossa, presa na garganta, fraca, infantil, desafinada, sexy, soprosa, irônica, forçada, agressiva, voz gutural e monótona, foram assinaladas por 29,8% dos graduandos. Essas qualificações já revelam vozes com alterações de suas qualidades e com as quais o professor possivelmente encontraria dificuldades para viabilizar seu trabalho, uma vez que o espaço da sala de aula, usualmente, abriga adversidades como ruídos, ambiente com acústica pobre, excesso de discentes, limpeza insuficiente, dentre outras, que podem comprometer ainda mais a voz docente (Ferreira et al., 2003).

Diferentemente dos achados deste estudo, a pesquisa de Schwarz e Cielo (2005) mostrou que 65% dos professores avaliaram suas vozes como horrível, rouca, complicada e enjoada, enquanto 32% responderam positivamente, com adjetivos como boa, natural, clara, agradável e tom normal; apenas 3% referiram nunca ter pensado sobre sua voz.

Evidencia-se a diversidade de opiniões e concepções encontradas na auto-avaliação vocal em professores, requerendo estudos fonoaudiológicos mais acurados, que coloquem em relevo a subjetividade dos pesquisados e norteiem o trabalho a ser realizado.

Mesmo considerando-se a importância da voz para exercer as atividades docentes, 23,5% dos sujeitos pesquisados assinalaram não haver preocupação com sua voz; tal atitude pode ser justificada tanto pelo fato de os sujeitos nunca a terem tomado como objeto de análise, quanto pela ausência de sintomas ou problemas de voz que requeressem a atenção para a mesma. Essa questão já foi mencionada por Grillo e Penteado (2005) ao pesquisarem o impacto da voz sobre a qualidade de vida de professores, evidenciando que isso só ocorre quando a disfonia apresenta grau severo.

Um caso a ser destacado é o de G.31, que mostra conhecimentos sobre fatores que podem prejudicar a voz, como ingestão de líquidos gelados ou chocolate antes do uso profissional da voz, emprego de ventiladores e ar condicionado, além da utilização incorreta da voz para o canto. Esse conhecimento apresentado pela aluna vem sendo divulgado pelos fonoaudiólogos (Behlau; Dragone;

Nagano, 2004); no entanto, tais conhecimentos não impelem a graduanda de utilizá-los, possivelmente por não notar alterações em sua voz.

Já para G.2, a preocupação com a voz só ocorreu pela possível presença de uma alteração laríngea orgânica, mais especificamente um nódulo vocal; contudo, sua apreensão em relação à voz se desfez após a negativa desse problema por meio do exame médico, a despeito da manutenção dos sintomas de rouquidão. Apesar de G.19 afirmar nunca haver se preocupado com a voz devido ao excesso de problemas do cotidiano, reconhece-a, no entanto, como um importante instrumento de trabalho na profissão que escolheu para atuar.

Essas análises das contribuições dos participantes mostram que os 23,6% dos sujeitos que não se preocupam com a voz apresentam motivos múltiplos, seja por nunca terem apresentado nenhum problema vocal ou mesmo por não terem tempo para se preocupar. Assim, pode-se supor que esses sujeitos apenas valorizam a voz quando apresentam sintomas proprioceptivos na região da garganta, mesmo sabendo que ela é um importante instrumento de trabalho para o professor.

Fica claro que os discentes precisam estar cientes de que a presença da alteração orgânica na laringe já mostra um quadro de disфонia de longa duração, e que a rouquidão é um dos primeiros sinais de que algo está comprometendo o processo fonatório, devendo ser esse um motivo de atenção para os profissionais da voz, especialmente o professor, cuja função é essencial para o desenvolvimento de um país.

No sentido contrário, temos que 76,4% dos graduandos importam-se com suas vozes, também por distintos motivos; por exemplo, G.5 mostra consciência da importância da voz para o desempenho profissional, assim como as relações sociais que se estabelecem no cotidiano, ao passo que, para G.20 a preocupação com a voz se deu devido à necessidade de afastar-se do trabalho, quando notou um distúrbio.

Marchiori, Barros e Oliveira (2005) realizaram um estudo com 607 professores e verificaram que é muito freqüente seu afastamento das atividades por motivo de doença, sendo que 44% dos sujeitos já o fizeram por motivo de acidente ou por doença do trabalho, citando doenças como transtornos auditivos e respiratórios.

Em uma pesquisa muito criteriosa e recente, Rogerson e Dodd (2005) estudaram o impacto de

diferentes qualidades de voz – normal, disфонia leve e disфонia severa – na compreensão de crianças americanas, procurando observar a correlação entre presença de alteração de voz de qualquer grau de severidade na voz do locutor e o prejuízo da compreensão por parte do interlocutor. Esse estudo vem reiterar que os distúrbios da voz do professor podem comprometer a relação ensino-aprendizagem e a produção de conhecimento em sala de aula, conforme demonstrado por Rogerson e Dodd (2005).

No discurso de G.49 fica evidente que o uso indevido da voz se faz presente, acusando a falta de informações ou técnicas de como usá-la de forma saudável. Nesse caso, o fonoaudiólogo pode estabelecer uma parceria com a educação e implementar ações que capacitem os professores no gerenciamento de sua saúde, preparando-os para o futuro exercício profissional, conforme preconizado pelo paradigma da Promoção da Saúde (Ministério da Saúde, 2001).

Após as análises dos depoimentos dos dois grupos de graduandos, fica claro que a grande maioria deles (76,4%) mostrou preocupação com a voz, seja por a reconhecerem como principal instrumento de trabalho, seja por já terem sofrido as conseqüências de um distúrbio da voz e suas repercussões no contexto social e profissional, muitas vezes inviabilizando o trabalho em sala de aula. Além disso, aclara-se a preocupação dos graduandos em conhecer técnicas que venham colaborar no preparo de suas vozes para o exercício docente. Dessa forma pode-se dizer que a voz já ocupa lugar de destaque no contexto dos requisitos para o exercício profissional junto aos graduandos pesquisados.

Esses achados se contrapõem àqueles de Carelli e Nakao (2002), que pesquisaram o grau de conhecimento vocal de 61 estudantes do último ano de Pedagogia, concluindo que quase metade dos entrevistados não se preocupava com sua voz e ao restante não dispunha de informação sobre o assunto.

No que respeita ao conhecimento dos graduandos sobre os cuidados com a voz, as respostas foram, via de regra, compostas por alternativas múltiplas. Não usar a voz de forma abusiva, falando em uma tonalidade agradável, foi a resposta mais presente dos graduandos deste estudo. Pelo número de respostas, pode-se supor que há um conhecimento sobre o uso saudável da voz. Esse conhecimento é de senso comum e segue uma regra

básica que envolve o fazer tudo de forma harmônica e balanceada.

Schwarz e Cielo (2005) mostraram, contrariamente, que 76% dos professores de seu estudo desconheciam totalmente noções sobre o funcionamento do processo vocal e/ou cuidados com a voz, enquanto 24% mostraram conhecimento superficial sobre o assunto em questão.

A ingestão de líquidos e a restrição a gelados também foram citados como hábitos bastante conhecidos pelos discentes do presente estudo. A hidratação tem sido defendida pelos fonoaudiólogos como um comportamento que colabora para uma produção de voz saudável, já que, além de hidratar o corpo e a laringe, evita o superaquecimento laríngeo durante a produção do discurso. Tem sido recomendada, inclusive, para ser usada dentro de sala de aula (Soares et al., 2003).

Muito desses conhecimentos veiculados nos discursos dos discentes podem se justificar pelas campanhas de voz, de caráter preventivo, realizadas anualmente, inclusive com inserção na mídia. Essa divulgação é realizada com o objetivo de capacitar os profissionais da voz para estarem atentos à sua voz e adotar estilos de vida que venham beneficiar a saúde geral e vocal, em especial os professores, que tendem a usar a voz de forma abusiva.

No que concerne aos fatores que alteram ou prejudicam a voz, a maioria dos sujeitos (76,31%) mencionou o abuso e hábitos vocais como o fator principal de alteração na voz, explicando que os professores muitas vezes o cometem para chamar a atenção dos discentes. Outros fatores também citados pelos graduandos foram os aspectos ambientais (14,91%), determinados pela presença de ruídos internos e externos usualmente presentes em sala de aula, além da poeira e sujeira, gerando alterações no trato respiratório como rinite e sinusite, sintomas que irão influenciar no uso abusivo da voz já que o sistema produtor da voz estará comprometido. O fator emocional também foi lembrado pelos sujeitos (8,77%), envolvendo estresse, cansaço, desgaste, os quais são prejudiciais para a qualidade de vida dos professores.

As pesquisas fonoaudiológicas têm reiterado a relevância da análise dos aspectos ambientais, assim como da forma como se estrutura a organização do trabalho docente, para se obter os riscos ocupacionais que podem interferir na saúde geral e vocal do professor (Ferreira et al., 2003, Servilha, 2005 e Camargo e Penteadó, 2005).

Em relação às características de voz necessárias para que o professor possa desempenhar sua função de forma efetiva, sobressai a normalidade, clareza e que seja compreensível para o aluno. Em seguida, os graduandos mencionam a flexibilidade vocal, pois a voz deve ser agradável sem esquecer a afetividade; a autoridade também foi um aspecto destacado, assim como a tranquilidade e o volume. A dicção também foi lembrada como importante.

Dadas as condições em que a docência normalmente se desenvolve, com presença de ruídos e indisciplina, o esperado era que os futuros professores mencionassem inicialmente uma voz forte capaz de superar o ruído de sala de aula. No entanto, isso não ocorreu, o que se mostra bastante promissor para discentes que já são professores e que começam a perceber que a voz clara e ressoante é importante como instrumento de trabalho quando a matéria-prima é o conhecimento. E que os envolvidos – normalmente crianças – podem se beneficiar de uma voz que os provoque cognitivamente por meio de sua flexibilidade e dialogue com elas, inclusive com afetividade.

A análise do item mudanças na voz após estagiar ou trabalhar como professor, indica que grande parte dos sujeitos apresenta desconfortos na garganta e rouquidão em consequência da realização de estágios ou ainda por já lecionar como professor. Muitos sujeitos apresentaram sintomas na voz como afonia, alteração na voz, além de sintomas referentes à saúde como dores de garganta, dores de cabeça e aumento das faringites. Apenas dois sujeitos referiram fazer acompanhamento com fonoaudióloga, e nesses casos prevê-se que um distúrbio de voz encontra-se instalado. O fato de estarem em tratamento mostra consciência de que a voz é um importante instrumento de trabalho na docência e o interesse em recuperá-la e prepará-la para a atividade profissional.

Os graduandos parecem ter compreendido que a profissão que escolheram se reveste de importância por sua finalidade social e que, para exercê-la, precisarão desenvolver suas potencialidades vocais. Nesse sentido, a aproximação entre Fonoaudiologia e Educação trará benefícios mútuos pelo compartilhamento dos diferentes olhares sobre o processo educativo e a elaboração de propostas conjuntas que visem formar e informar o futuro professor quanto à implementação de uma atuação profissional de excelência, na qual a voz encontrará seu lugar e valor.

Considerações finais

Os discentes auto-avaliaram sua voz como normal, clara, agradável e delicada. Além disso, cerca de um terço deles assinalou características vocais que dificultam o exercício da docência, tais como voz rouca, grossa, presa na garganta, fraca, infantil, entre outras. Concluindo, os discentes pesquisados mostraram auto-percepção vocal, identificaram fatores agressivos e benéficos a ela, ressaltando, no entanto, não saber como preservá-la ou aperfeiçoá-la para o uso docente.

Referências

- Behlau M, Dragone MLS, Nagano L. A voz que ensina: o professor e a comunicação oral em sala de aula. Rio de Janeiro: Revinter; 2004.
- Boccato, SS, Choi KFF, Rodrigues MG, Coelho MAB. Considerações acerca do grau de conhecimento sobre higiene vocal entre futuros profissionais da voz. Anais do X Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2002 Set 26-8; Belo Horizonte, BR. Belo Horizonte: SBFa; 2002.
- Brasolotto AG, Fabiano SRR. Uso profissional da voz pelo professor: análise acústica. Rev Soc Bras Fonoaudiol 2000;4(6):6-11.
- Camargo MO, Penteado RZ. Condições sobre ruído em sala de aula e intensidade vocal do professor. Anais do XIII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia; 2005, Set 28-30; Santos, BR. Santos: SBFa.; 2005.
- Carelli EG, Nakao M. Educação vocal na formação docente. Fono Atual 2002;5(22):40-52.
- Chieppe DCA. Fonoaudiologia na formação do professor: estudo sobre a expressividade em sala de aula [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2004.
- Delcor NS, et al. condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Cad Saude Publ 2004;20(1):187-96.
- Dreossi RCF, Momensohn-Santos T. O ruído e sua interferência sobre estudantes em uma sala de aula: revisão de literatura. Pro Fono 2005;17(2):251-8.
- Ferreira LP, Giannini SPP, Figueira S, Silva, EG, Karmann DF, Souza TMT. Condições de produção vocal de professores da Prefeitura do Município de São Paulo. Disturb Comun 2003;14(2):275-307.
- Grillo MHM, Penteado RZ. Impacto da voz na qualidade de vida de professore(a)s do ensino fundamental. Pro Fono 2005;17(3):321-30.
- Marchiori F, Barros MEB, Oliveira SP. Atividade de trabalho e saúde dos professores: o programa de formação como estratégia de intervenção nas escolas. Trab Educ Saude 2005;3(1):143-70.
- Minayo MCS, organizador. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. São Paulo: Vozes; 2002.
- Ministério da Saúde. Promoção da saúde. Brasília (DF); 2001.
- Pereira MJ, Santos MTM, Viola IC. Influência do nível de ruído em sala de aula sobre a performance vocal do professor. In: Ferreira LP, Costa HO. Voz ativa: falando sobre o profissional da voz. São Paulo: Roca; 2000. p.57-65.

- Rogerson J, Dodd G. Is there an effect of dysphonic teacher's voices on children's processing of spoken language?. J Voice 2005;19(1):47-60.
- Servilha EAM. A voz do professor: indicador para compreensão da dialogia no processo ensino-aprendizagem [tese]. Campinas (SP): Pontifícia Universidade Católica de Campinas; 2000.
- Servilha EAM. Estresse em professores universitários na área de fonoaudiologia. Rev Ci Med 2005;14(1):43-52.
- Soares EA, Rodrigues JPB, Goulart LH, Riehl L, Moreira MRL, Freire RD. Pesquisa dos hábitos vocais de universitários da área de saúde das universidades de Alfenas. Fono Atual 2003;6(23):11-8.
- Schwarz K, Cielo CA. A voz e as condições de trabalho de professores de cidades pequenas do Rio Grande do Sul. Rev Bras Fonoaudiol 2005;10(2):83-90.

Recebido em outubro/06;
aprovado em dezembro/07.

Endereço para correspondência

Emilse Aparecida Merlin Servilha
Av. John Boyd Dunlop, s/nº
Jardim Ipaussurama, Campinas

E-mail: emilsemerlin@uol.com.br